

DOSSIÊ

DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COMO ESCRITA DE SI: DIMENSÕES FORMATIVAS, TEÓRICAS E EPISTEMOPOLÍTICAS¹

Adelson Dias de OLIVEIRA

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

Juazeiro - Bahia - Brasil

adelson.dias@univasf.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-8415-1153> 

Daniel Hugo SUÁREZ

Universidad de Buenos Aires - UBA

Buenos Aires - Argentina

danielhugosuarez@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6636-5174> 

RESUMO: O texto pensa a documentação narrativa não somente como uma prática narrativa solitária, mas aprofunda a discussão do dispositivo em sua dimensão epistemopolítica radical e repulsiva, ao implantar no contexto de conversas entre pares ou colegas, outras formas de pensar o fazer pedagógico e as políticas de identidade profissional que estruturam a formação docente. Elucidamos a condição epistemopolítica que passa a se configurar através de narrativas de si e da conversação sobre elas como uma hermenêutica coletiva da experiência docente e da concepção pedagógica de educação de maneira plural e dialogada. Com inspiração da pesquisa-formação-ação, da etnografia e (auto)biografia, acreditamos que o dispositivo da documentação narrativa, constituído a partir da reflexão pedagógica, dá outros contornos e outra densidade aos processos formativos dos sujeitos, evidenciando autoria e autonomia dos saberes docentes instituídos pela indagação da experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia. construção de autoria. escrita de si. reflexão pedagógica. saberes didáticos.

NARRATIVE DOCUMENTATION OF PEDAGOGICAL EXPERIENCES THROUGH SELF-NARRATIVES: FORMATIVE, THEORETICAL, AND EPISTEMOPOLITICAL DIMENSIONS

ABSTRACT: The text addresses narrative documentation not only as an individualized narrative practice but deepens the discussion of this device in its radical and repulsive epistemopolitical dimension by inserting, in the context of conversations between peers or colleagues, other ways of thinking about the pedagogical practice and the professional identity policies that structure teacher education. We elucidate the epistemopolitical condition that starts to be configured through self-narratives and the conversation about them as a collective hermeneutics of the teaching experience and the pedagogical conception of education in a plural and dialogic way. Inspired by research-training-action approach, ethnography, and (auto) biography, we believe that the narrative documentation device, built upon pedagogical reflection, provides other outlines and another density to the formative process of the subjects, evidencing the authorship and autonomy of teaching knowledges instituted through the questioning of experience.

KEYWORDS: Autonomy. construction of authorship. self writing. pedagogical reflection. didactic knowledge.

DOCUMENTACIÓN NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COMO ESCRITURA DE SÍ: DIMENSIONES FORMATIVAS, TEÓRICAS Y EPISTEMOLÓGICAS

RESUMEN: El texto considera la documentación narrativa no sola como una práctica narrativa sola, sino que profundiza la discusión del dispositivo en su radical y revulsiva dimensión epistemopolítica, para implantar en el contexto de conversaciones entre pares o colegas, otras formas de pensar o hacer la pedagogía y la política de identidad profesional que estructura la formación docente. Elucidamos la condición epistemopolítica que se configura a través de las autonarrativas y la conversación sobre ellas como hermenéutica colectiva de la experiencia docente y de la concepción pedagógica de la educación de manera plural y dialógica. Con inspiración de la investigación-formación-acción, la etnografía y la (auto)biografía, creemos que el dispositivo de documentación narrativa, constituydo a partir de la reflexión pedagógica, trae otros contornos y otra densidad a los procesos formativos de los dos sujetos, construyendo autoría y autonomía de los saberes didácticos instituidos por la investigación de la experiencia.

PALABRAS-CLAVE: Autonomía. construyendo autoría. escritura de sí. reflexión pedagógica. saberes didácticos.

PREÂMBULO: DA CONCEPÇÃO EPISTEMOPOLÍTICA A ESCRITA DE SI

Nos propomos neste texto promover debate em que elucida a condição epistemopolítica que passa a se configurar através de narrativas de si e da conversação sobre elas como uma hermenêutica da experiência docente e da concepção pedagógica de educação de maneira coletiva e dialogada. Nesse sentido, este trabalho fundamentou-se na Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, que se constitui dispositivo de pesquisa epistemo-político-metodológico, e reúne em seu fazer, elementos da pesquisa-formação-ação, da etnografia e (auto)biografia. O trabalho foi realizado em uma escola do Ensino Médio, em território rural da cidade de Juazeiro, Bahia/Brasil, e contou com sete colaboradores para a produção de documentos narrativos pedagógicos.

O movimento de narrar para os seus pares, experiências que marcam seu percurso formativo, é o princípio básico da construção do trabalho com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. or partir dos preceitos da pesquisa-formação-ação, ou seja, os sujeitos que participam do processo, interagem com o pesquisador e passam a refletir sua prática na ação cotidiana, tornando-se processo formativo coletivo e individual e de pesquisa a partir da prática. Estes, na condição de narradores, têm a possibilidade de ampliar os próprios conhecimentos e refletir por intermédio de suas práticas sobre as experiências que marcam o seu percurso.

Com o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, a pesquisa ocorre num movimento contínuo de aprendizado e rompimento de paradigmas entre o pesquisador e o(a) professor(a) narrador(a) que reconstrói sua experiência pedagógica, ao narrar, escrever, comentar e reescrever. Os paradigmas passam a ser ressignificados, os padrões já não são mais os únicos caminhos que conduzem a prática pedagógica, a partir do momento em que são traçados diálogos contínuos entre os pares sobre o que se faz e poderia fazer. Ocorre um movimento de desnudar-se pedagogicamente diante do outro, no intuito de que sua experiência seja potencializada a partir dos comentários de seus pares e, desta maneira, o(a) professor(a) narrador(a) é provocado a refletir.

Para operacionalizar o trabalho de documentação narrativa, são realizados distintos momentos de uma dimensão formativa, como já mencionado, que concerne à pesquisa-formação-ação. O primeiro momento ocorre em um seminário temático que aproxima os docentes narradores das dimensões epistemológicas e metodológicas que situam a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Esse momento é significativo para o processo de documentação, pois se constitui como um marco para a indagação narrativa e a reflexão sobre as experiências e a própria prática que serão, ambas, documentadas. Os demais momentos são oficinas de escrita e de produção de texto, bem como um laboratório de tematização. É aqui que os textos vão tomando forma e ao mesmo tempo passam por um processo de diálogo constante entre os pares e estes(as) professores(as) narradores(as) passam a dar novos contornos ao formato do texto escrito, do mesmo modo que são ampliadas e fortalecidas as experiências documentadas.

A experiência da documentação narrativa vai se configurando, ao passo que o narrar, o comentar e o reescrever vão tomando forma e possibilitando a reflexão sobre a experiência e a construção de novos saberes, neste caso, pedagógicos, ampliando o olhar sobre o espaço educativo.

DIMENSÕES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

“Dar a ler”, como provocado por Larrosa (2003), é muito mais complexo do que a priori se apresenta. Isso se deve principalmente ao fato de que a documentação narrativa não será de fato fecunda se não provocar esse movimento de “Dar-se a ler”. “Dar-se a ler” exige um exercício circular e contínuo para assim se tornar experiência e produzir o conhecimento, inicialmente como formativo para quem faz a travessia e, posteriormente, para quem está disposto a desnudar-se e se entregar aos caminhos da experiência como formação e produção de saber. É o saber da experiência que possibilita convocar a escrita do relato e produzir o conhecimento vivencial, ou seja, o modo narrativo fundamenta-se em como buscamos dar forma e significado à experiência (BRUNER, 1986).

Documentar narrativamente ocorre com as atividades entrelaçadas de maneira a possibilitar que o(a) professor(a) pudesse construir narrativamente suas experiências, em três movimentos: i) identificação da experiência, como transformá-la em documento, momento da construção narrativa demarcado pela significação da experiência e sua relação com o documento, com o público; ii) indagação da experiência e do mundo do texto, quando se questiona o texto, as transformações que a escrita vai configurando e materializando, e, dessa maneira, outros sentidos vão brotando do processo reflexivo, que é impelido por questionamentos (RICOEUR, 2002); iii) publicação dos textos, ou de maneira pragmática, estágio em que se vivencia a edição pedagógica dos relatos, promovendo assim suas características de documento publicável e com potencial pedagógico destacado.

Considerando que a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas dos(as) professores(as) possibilita a retomada de suas práticas por intermédio de seu registro, tal dispositivo converge para que o narrador possa construir sua narrativa de maneira a produzir, em um processo de reflexividade e dialogicidade, as dinâmicas do seu cotidiano (SUÁREZ, 2005, p. 9).

O questionamento de sua própria prática e a de seus pares, como processo formativo e reflexivo, permite que a viagem narrativa se constitua em diálogo com o contexto e os objetivos inerentes às distintas práticas pedagógicas. Diante disso, a inserção da etnografia no contexto escolar, como elemento agregado ao processo de construção da pesquisa, possibilitou uma aproximação da etnografia do campo da educação. Em um diálogo direto com o desenvolvimento do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, é válido reforçar que a (auto)biografia e a etnografia, assim como a pesquisa-formação-ação constituem a sua gênese, sendo intrínseco a ação da pesquisa ao se utilizar dela.

A vinculação do trabalho etnográfico à abordagem (auto)biográfica constituiu-se por um conjunto de ações que possibilitou a entrada no campo da pesquisa, a imersão nas subjetividades dos sujeitos e no lugar e a possibilidade de interação com os resultados produzidos pela pesquisa mediados pelo rigor e a cientificidade necessária ao desenvolvimento do estudo. Foi possível a partir de princípios etnográficos, tais como, a vivência de campo como fonte de pesquisa, da observação direta, do registro narrativo dos fatos observados e da sua interpretação, avançar na pesquisa.

A imersão no campo e a produção de um olhar adensado do processo educativo que o lugar desenvolve são pertinentes para se construir uma compreensão hermenêutica como a proposta para esta pesquisa. Como mencionado no parágrafo anterior, a dimensão etnográfica traz em seu cerne as possibilidades interpretativas que o processo requer.

A abordagem (auto)biográfica é utilizada como eixo articulador, em conjunto com os princípios etnográficos, no âmbito do processo de desenvolvimento do dispositivo de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, para a construção do corpo metodológico, uma vez que “a narrativa autobiográfica instala uma hermenêutica da história de vida, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56).

Os aspectos acima apontados constituem o o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, em que através dele, os(as) professores(as) narradores(as), ao disponibilizarem suas experiências na mesa de debates do processo de pesquisa-formação-ação, estabelecem condições para que o enredo de cada uma de suas narrativas passe a figurar em parte do movimento de escrita, constituindo, assim, a intriga.

A *mimesis*¹ que os(as) professores(as) vivenciam, na dimensão analítica e crítica da própria prática, desencadeada na composição (auto)biográfica das narrativas, configura-se como possibilidade de implicação e de compreensão dos modos como suas experiências significam para a sua vida-formação-atuação docente. Os(as) professores(as) passam a (re)apropriar-se de suas experiências, não como algo que simplesmente aconteceu, mas como algo que produziu em seu fazer outros sentidos.

A experiência de uma pesquisa na qual a participação dos sujeitos acontece de maneira colaborativa demarca um divisor de águas, no que tange ao formato das pesquisas acadêmico-científicas que rotineiramente acontecem. Tais questões direcionaram-me ao aprofundamento de conceitos que envolvem a pesquisa-formação-ação. Acredita-se que, “a veces es difícil distinguir entre la reflexión profesional (sobre la propia práctica) y la investigación acción. La distinción se encuentra en el grado de intencionalidad y sistematización de la reflexión” (ANDERSON; HERR, 2007, p. 48-49). Aqui se inscreve o ponto central em que a pesquisa se efetivou, o movimento em espiral do qual faz parte a pesquisa-ação foi ampliado quando da inserção do aspecto formativo vivenciado, no que tange à documentação das experiências.

Desse modo, é pertinente elucidar um último aspecto que sustenta a composição epistêmico-metodológica do artigo que aqui se constitui. Ao fazer emergir das experiências a valoração do conhecimento que está presente no chão da escola, pelo processo de pesquisa-formação-ação, a reflexão propiciada pelas práticas – etnográfica e (auto)biográfica – inerentes ao dispositivo de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas evoca novas perspectivas de composição da experiência (ou do saber da experiência).

A composição epistemológica que dimensiona a experiência dos(as) professores(as) que se torna documentada e conhecida está relacionada à possibilidade de emergir, como elemento inerente à crítica da razão indolente, que se configura na condição de uma ecologia dos saberes, em contraposição à monocultura dos saberes, da razão metonímica, como observa Santos (2002).

Destacamos a condição de saber que as experiências se revestem, pois marcam, tocam e transformam a prática pedagógica. Assim, promovem a autoria docente, evidenciando uma prática viva de uma experiência que tem sentidos e promove a composição de outros fazeres.

Dito de outro modo, tal perspectiva constitui as possibilidades por meio das quais os(as) próprios(as) professores(as) podem analisar seus fazeres do ponto de vista crítico e formativo, tornando-se condição para visibilizar e significar suas experiências, pelo status de conhecimento. Compreendemos que não seja

1 Termo crítico e filosófico que abarca uma variedade de significados, incluindo a imitação, a representação, a receptividade, o ato de se assemelhar, o ato de expressão e a apresentação do eu.

um movimento de substituição destes saberes, mas de potencialização que promove experiências mútuas de aprendizagem significativas para os(as) professores(as) e suas relações socioculturais, vivenciadas na prática da docência.

Ao passo em que registram, refletem e constituem outros modos de fazer na docência, tais experiências ganham *status* de saber experiencial e compartilhado, não mais se configurando como vividas isoladamente e consideradas “desperdiçadas”. Passam a ser significadas na ação daquele docente que a documentou e reverberam na reflexão sobre a prática pedagógica de outros(as) professores(as), que a tomam como elemento de conversa para repensar os seus fazeres. Assim, de experiências desperdiçadas passam a constituir-se enquanto movimento de instauração de uma política de sentido, uma nova política de conhecimento (SUÁREZ, 2019; SOUZA, 2014) diante daquele hegemonicamente constituído.

COMO A ANÁLISE SE CONSTITUI NO PROCESSO DE DOCUMENTAR NARRATIVAMENTE EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO DA PESQUISA?

O dispositivo de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas constitui-se como uma estratégia que possibilita desenhar, coletivamente, outras possibilidades de formação e desenvolvimento docente. Para o campo acadêmico, adota-se como um princípio desencadeador da construção epistêmico-metodológica que dá corpo ao material de pesquisa produzido. Ademais, aliamos-nos aos seus princípios constitutivos, para proceder a uma perspectiva de análise em que as narrativas não figuram como excertos que conformam o diálogo com determinado núcleo de sentido que vai surgindo.

Na Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, o processo de análise ocorre, intrinsecamente, a um movimento colaborativo e reflexivo. Não existe uma análise específica das narrativas documentadas, mas um registro da experiência na condução da formação e da produção da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, ao tempo em que se reconstrói a experiência do pesquisador, sendo retomadas aqui as perspectivas da pesquisa-formação-ação (ARGNANI, 2015).

Cada etapa do dispositivo apresentada vai se configurando ao passo em que os envolvidos vivem as fases da pesquisa, de forma que ocorre um processo colaborativo de análise por meio do qual as experiências são apresentadas, narradas e postas na mesa de debate, construindo um todo interpretativo/interpretável que elucida a complexidade do fato narrado e vivido.

Nesse processo colaborativo de análise em rede, associado ao movimento de produção dos documentos narrativos, segundo uma dinâmica de colaboração entre os pares e a presença do pesquisador, optei pela perspectiva da conversa em rede colaborativa, uma vez que o processo analítico, no caso deste estudo, toma forma à medida que as narrativas de experiências são ampliadas mediante o movimento de narrar, comentar e reescrever.

A conversa em rede colaborativa está fundamentada no ciclo hermenêutico (GADAMER, 1997; RICOEUR, 2002), nos processos de “compreensão e explicação”, mediados pela produção de sentido e significado da escrita. Dessa forma, recorro ao que sinaliza Ricoeur (2002), para que as regularidades e irregularidades do narrado/vivido sejam analisadas de maneira colaborativa e propositiva, no movimento de registrar a experiência. Para além destas questões, na realização das oficinas, laboratórios, clínicas e seminários – que constituem o itinerário pedagógico da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas –, emerge o diálogo como

fio condutor das reflexões e análises. O dispositivo configura-se, assim, como um procedimento alternativo de pesquisa, como possibilidade contra-hegemônica de produção do conhecimento científico.

A realização da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, que é construída ao longo do processo da pesquisa, a conversa em rede colaborativa cumpre a seguinte estruturação:

- Experiência de documentar narrativamente – construção do processo formativo e reflexivo mediante cada ciclo do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, em que as etapas de narrar, escrever, comentar e reescrever as narrativas ganham novos contornos, pois entrelaçadas aos comentários tecidos pelos pares, a partir dos seminários temáticos, oficinas de escrita e produção de texto, laboratórios de tematização pedagógica e clínica de edição pedagógica;
- Publicização e divulgação dos documentos narrativos entre os seus pares, professores(as) não envolvidos na escrita da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, alunos e comunidade científica, oportunizando novas aproximações sobre as experiências documentadas, de maneira particular com a realização do ateneu de experiências pedagógicas e a publicação das narrativas de experiências pedagógicas, de maneira a ganhar força na condição de documentos pedagógicos;
- Leitura detida e repetida dos documentos narrativos, em contraposição aos registros de campo inerentes à prática etnográfica desenvolvida;
- Compreensão hermenêutica – interpretação da realidade a partir do mundo do texto – experiência como território de saber, constituída como movimento reflexivo vivido entre professores(as) narradores(as) e pesquisador, ao longo de todo o processo.

São estes quatro momentos que consideramos como norteadores da incursão analítica que perpassou os momentos construídos coletivamente, ao criarmos possibilidades interpretativas das experiências suscitadas e a tomada destes resultados escritos como parte do corpo de autores, para a sustentação da discussão. Como descrito, a análise foi se configurando ao longo de todo o processo e constituindo-se por intermédio da composição da reflexividade individual e coletiva, ambas produzidas pelos(as) professores(as) narradores e pesquisadores.

São destacados como potenciais pedagógicos a condição reflexiva da prática e o que a torna uma experiência significativa, de maneira explícita, é o desdobramento de um conteúdo didático em potência criadora na vida dos estudantes, bem como a possibilidade de estes enxergarem em uma aula os feitos que levam à aprendizagem significativa, mediada por um ensino também significativo (RODRIGUES, 2019; SOUSA, 2019).

A intriga que os(as) professores(as) movimentam na escrita de suas experiências demarcam a condição analítica e a constituição de aprendizagens práticas que se tornam conhecimentos, os quais, ao circularem entre pares, passam a estabelecer redes de conhecimento na direção do pensamento pedagógico e da articulação de novas práticas pedagógicas. Assim, permitem se reconstruir, tornando as reflexões potenciais elementos pedagógicos para outros docentes – que estão ou desejam desenvolver sua ação pedagógica nas comunidades rurais –, caso específico desta pesquisa-formação-ação.

De modo distinto do movimento compreensivo-interpretativo presente na teoria da interpretação de Ricoeur (1976), desenvolvemos aqui um processo de construção de novos olhares e de discussão conceitual, demandado pelos núcleos de sentido suscitados no processo de documentar narrativamente, problematizando, dessa forma, conceitos já estabelecidos. Ocorre, nesse caso, uma recursividade por meio da qual é possível tecer paralelos entre os saberes documentados e refletidos no processo e os modos de interpretar, de forma a vislumbrar outras possibilidades formativas e de conhecimento que o texto passa a revelar.

Nesse movimento, estabelece-se um diálogo constante entre o que dizem os(as) professores(as) narradores(as), convertidos em autores, no movimento de narrar e documentar suas experiências, e os saberes academicamente já produzidos. Analisamos aqui o que Ricoeur (1976, p. 41) chama de função comunicativa do texto, ou seja: "o que o texto significa interessa agora mais do que o autor quis dizer, quando o escreveu".

Em outras palavras, recorreremos ao texto produzido no terceiro e quarto momento, já descritos como forma de análise, e alio a esta busca o movimento reflexivo que o fez surgir. Nessa leitura, passo a destacar os potenciais pedagógicos que nos permitam constituir as relações de significação que o texto agora apresenta.

A produção do significado autoral é o que legitima a condição de uma análise em que o leitor imprime ao texto outros aspectos interpretativos e compreensivos que observa naquele escrito. É nesse movimento contínuo e permanente que as práticas pedagógicas documentadas avançam e passam a figurar outras possibilidades, no que se refere à constituição da cultura escolar, levando-se em conta o seu contexto e a vida cotidiana em que estão inseridas.

A conformação da experiência, ou do saber da experiência, como uma das perspectivas de conhecimento validado, vai se configurando como um movimento político a partir do qual se constitui a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (dispositivo epistemológico-político-metodológico). Ao passo em que propomos um diálogo entre o texto produzido, os significados que nascem de leituras repetidas e a relação com o universo contextual do qual fazem parte, imprimimos a construção "dialética da autonomia semântica do texto" (RICOEUR, 1976, p. 43) e, dessa forma, a condição de tomada de consciência dos sentidos que podem emergir desse diálogo.

Diante do exposto, consideramos pertinente retomar o debate sobre a concepção de experiências desperdiçadas (SANTOS, 2010), que são consideradas ausentes no que diz respeito a sua contribuição social e relação com a produção do saber. Nesse caso, porém, a pesquisa mostra claramente que se constitui um movimento contra-hegemônico em que estes saberes, entendidos como ausentes, são alçados ao status de significantes e com elevado valor social.

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E UMA NOVA POLÍTICA DE CONHECIMENTO

No movimento de narrar e documentar que vimos refletindo, no que concerne as questões epistemopolíticas que envolveu todo o trabalho de pesquisa, elucidamos aspectos que nos levam a reorganizar o pensamento e conduzem as práticas pedagógicas, permitimo-nos ao reconhecimento da pluralidade de conhecimentos e como estes interagem e geram, desta maneira, autonomia e autoria na docência e/ou no ambiente educativo.

O que acontece pedagogicamente nas escolas está muito além da aplicação de conteúdos programáticos, de atividades repetitivas e de avaliações que se sucedem ao longo de um ano letivo. As relações subjetivas e intersubjetivas que circulam nos corredores, nas salas de aula, nos intervalos e até mesmo no transporte escolar, seja dos jovens estudantes ou dos(as) professores(as), ao realizarem o deslocamento entre suas casas e a escola, também se convertem em relação de aprendizado. O saber experiencial está impregnado destas relações, desejos, deslocamentos e fazeres distintos e como estes sujeitos se apropriam destes acontecimentos e convertem em possibilidades para gerar conhecimento.

Desvela-se desta maneira, os sentidos e significados dados pelo narrador ao próprio saber experiencial de suas práticas pedagógicas. O dispositivo da documentação narrativa de experiências pedagógicas permitiu-me

provocar entre estes(as) professores(as) autores(as) o tensionamento e a reflexão crítica sobre o seu fazer, de modo a ressignificar sua prática, no sentido de transformá-la diante da sua própria leitura crítica e das intervenções dos pares. Não obstante, é possível elucidar tais questões com a seguinte problematização: “A transformação da forma como conduzira minhas aulas foi sofrendo modificações que permitiram um melhor aproveitamento sobre elas [...]” (ROJAS, 2019, p. 129).

Os conhecimentos distintos que circularam ao longo das narrativas apresentam os distintos lugares de fala em que cada professor(a) se constituiu, com suas limitações e elementos instigantes para se pensar como aquele ambiente educativo vem produzindo habilidades reflexivas e construindo saber junto aos jovens estudantes. Essa mescla de conhecimentos, ou interconhecimentos, que passou a circular durante a reflexão sobre o dispositivo de documentação narrativa de experiências pedagógicas, constitui um movimento de ruptura com o que de fato é ou não é saber. Nas palavras de Fernandes “O trabalho com projetos [...] possibilita desenvolver habilidades e competências [...] através de atividades diversificadas, a sua identidade escolar e o senso crítico por assuntos (2019, p. 98).

O trabalho com a documentação narrativa de experiências pedagógicas, para além de possibilitar aos seus interlocutores a validação entre pares, do seu saber experiencial, também conduz os narradores/autores a uma inserção em um movimento contra-hegemônico, o que percebemos ser parte do processo de (auto) formação experienciado por estes(as) professores(as).

Inscreve-se, assim, a partir do dispositivo, o que está nomeado como outra política de conhecimento e reconhecimento da escola e dos(as) professores(as). De acordo com os princípios da documentação narrativa de experiências pedagógicas, o que vivemos intenciona recuperar, recriar e fazer circular os saberes pedagógicos que a experiência imprime na vida desses(as) professores(as) e faz parte da memória individual e coletiva da escola. Todavia, é importante assinalar que os saberes que esses(as) professores(as) possuem e trazem à tona, quando escrevem e documentam suas experiências, estão marcados por questões inerentes à colonização do saber, que se estende como relação de poder no interior da escola e faz parte de uma política de conhecimento que é excludente, doutrinadora e técnico-burocrática.

Não se trata de se concentrar na escrita de um único relato, mas de esgotar as possibilidades interpretativas que dele possam surgir e, num movimento contínuo de reescrita, reconstituir e ressignificar os sentidos dados ao fazer, abrindo-se dessa maneira novos olhares, novos horizontes, para o contexto pedagógico em que a escola está constituída.

Imprimir uma nova política de conhecimento pressupõe o rompimento dos paradigmas que padronizam os modos de fazer que, sem dúvida, estão centrados na reconstrução e divulgação do saber pedagógico experiencial, face a uma cultura escolar estabelecida que conduz os(as) professores(as) em sua experiência educativa no interior da escola (SUÁREZ, 2011). Ao mencionar que sua prática imprime sentido e busca dar ênfase à consciência histórica, e de si para os alunos, esta professora/autora utiliza-se da sua autonomia docente para proporcionar uma formação crítica e questionadora, que se propõe a um diálogo plural a partir do qual os saberes e experiências se cruzem na constituição do conhecimento.

O desafio para a composição da experiência de documentar narrativamente uma política de conhecimento, como menciona Suárez, é um movimento que necessita de uma temporalidade, para que ganhe força e atinja o máximo de interlocutores para estas experiências, sendo capaz de conformar uma rede de professores(as)

autores(as) na composição de saberes originados da experiência. O fazer circular e dar a ler os documentos narrativos é o que provoca a ruptura nas estruturas hegemônicas do conhecimento.

A política de conhecimento que se propõe problematizar surge a partir do processo (auto)formativo com a documentação narrativa que se configura desse lugar, do chão da escola, num movimento contínuo de diálogo permanente, que fortalece os processos formativos de docentes, tomando como referência a autoria como parte de uma “política de conhecimento” alternativa à dominante. Assim se recria, produz e reproduz, um movimento dentro da escola que promove um estatuto público e de visibilidade dos conhecimentos que ali foram construídos (SUÁREZ, 2011).

Deste ponto de vista, evidencia-se, no processo de escrita, que estes aspectos possam ser objetivados, possibilitando a construção e a reconstrução crítica do saber, pela saída do anonimato ou da prática isolada. De outra forma: sistematizar e reorganizar o conhecimento, estruturando-o em bases científicas que validam as preocupações pedagógicas dos(as) professores(as) é o que nos movimenta para para conceber a ideia de sentidos na pesquisa; publicar e debater as ideias e experiências que se configuram nesse constructo dos saberes e, finalmente, legitimar a autoria docente diante da comunidade escolar e acadêmico-científica. Aspecto este que se transforma e forma, passa a traduzir para os(as) narradores(as) outros significados, traduzidos nesse texto como a possibilidade mudança.

EPÍLOGO: REFLEXOS DA AUTONOMIA DOS SABERES DOCENTES INSTITUÍDOS PELA INDAGAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, como dispositivo de pesquisa, em uma dimensão da formação-ação, ao articular aspectos vivenciais, entrelaçados a questões específicas da racionalidade técnico-científica, torna-se um movimento de subversão das condições pragmáticas dos modos de fazer pesquisa, que, todavia, se apresenta com o rigor científico e a recorrência de corpus teórico e metodológico, que se configuram enquanto protocolos para sua implementação no campo de pesquisa.

Considerando a dimensão de experiência como aquilo que acontece, que transforma, esta atravessa os modos distintos de narrar e documentar as experiências pedagógicas e desvelar os contextos e singularidades inerentes ao rural e o Ensino Médio. Neste contexto, os(as) professores(as) evidenciam que sua aproximação dos processos educativos em comunidades rurais ocorre de maneira não muito tranquila, com exceção de uma das professoras, que se declara professora militante do movimento da educação do campo.

Todavia, o conhecimento produzido não se tece da mesma forma ou ao mesmo tempo. A interação com o contexto, as relações estabelecidas, as representações em que as experiências pedagógicas passam a se constituir, todas essas questões estão embebidas da diversidade cultural inerente a cada sujeito e sua condição de subjetividade presente nos distintos ambientes dos quais faz parte.

A concepção de que a consolidação de um novo coletivo de professores(as) está vinculada à participação ativa destes mesmos professores(as) através de suas experiências individuais e coletivas que foram postas numa mesa de debates e orientadas pela necessidade de reflexão e reconfiguração do fazer. Assim são “formados” por práticas pedagógicas em que se reconheçam como produtores de saber, compreendendo, ao mesmo tempo, o caráter dialógico, comunitário e relacional do conhecimento construído mediante seus recursos e estratégias. Destaca-se, aqui, a condição da co-formação enquanto realização de atividades numa perspectiva interdisciplinar e colaborativa, que torna singular a experiência pedagógica vivida.

O que se compreende de formação que foi construída ao longo deste trabalho está relacionada com a perspectiva do movimento (auto)formativo evidenciado a partir da escrita dos relatos, como condição para incidir na mudança dos modelos atuais, orientados, dessa forma, pelo contexto e pela experiência pedagógica, tendo em vista a reconstrução do conhecimento técnico-científico, que se faz, hegemonicamente, em detrimento do conhecimento produzido no processo experiencial.

Concentra-se na perspectiva de que a experiência compõe um processo (auto)formativo que, ao ser sistematizado, refletido, debatido e publicado, ganha estatuto de conhecimento legitimado pelo movimento dialógico e participativo, de forma que os docentes, ao refletirem e compreenderem suas práticas, constroem a autonomia que advém da autoria de seus saberes. A autoria docente é desencadeadora de novos saberes, que são conformados como territórios pedagógicos e de aprendizagem, tendo em vista o reconhecimento de uma comunidade de aprendizagem no contexto da escola.

Foi no movimento de conversas em rede colaborativa sobre os documentos narrativos, bem como no processo de escritura em que estão entrelaçadas as narrativas pedagógicas, que emergiram os saberes experienciais e, por conseguinte, a (auto)formação. Além disso, e não menos importante, a garantia de uma formação que se estabelece a partir das experiências pedagógicas dos(as) professores(as). Uma formação que valoriza os saberes experienciais e desta maneira avança na reconfiguração dos elementos que garantam a inserção na profissão e a sua manutenção.

Assim, não basta a existência de uma formação que valorize os saberes dos(as) professores(as), se esta não está articulada à garantia das condições essenciais para a sua atuação. Cabe, portanto, refletir sobre as condições de trabalho, a valorização do profissional pela formação continuada, bem como considerar a importância da autonomia docente para que o trabalho pedagógico seja libertador e significativo para professores(as) e jovens estudantes.

A política de conhecimento, quiçá de “re-conhecimento”, tem como ponto de ancoragem estas três dimensões: reconstrução e difusão do saber pedagógico; indagação da experiência em contraponto aos saberes e políticas educativas; e implicação e autorização dos docentes como produtores legítimos do saber. O enfrentamento dos processos de colonização da prática docente e do saber não tem lugar, mas conta, sim, com a emergência e a validação destes saberes presentes no mundo da escola, nas narrativas pedagógicas e nos saberes experienciais, que por sua vez estão imersos no ato de formar e formar-se desenvolvidos pelos(as) professores(as) como condição intrínseca ao trabalho feito a partir do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por seu apoio financeiro à realização do doutorado sanduíche. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, por financiar esta pesquisa, com a disponibilização de bolsas que me permitiram investir em uma pesquisa de maior qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Gary; HERR, Katheryn. El docente-investigador: investigación-acción como una forma válida de conocimientos. In: SVERDLICK, I. (Comp.). **La investigación educativa**: Una herramienta de conocimiento y acción. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2007. p. 47-70.

ARGNANI, Agustina. Redes pedagógicas y formación docente: historias enlazadas por la documentación narrativa de experiencias pedagógicas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **(Auto)biografia e documentação narrativa**: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 87-104.

BRUNER, Jerome. **Realidad mental y mundos posibles. Los actos de imaginación que dan sentido a la experiencia**. Barcelona: Gedisa, 1986.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do individuo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERNANDES, Marcira Nunes. O saboroso gosto do trabalho com projetos. In: OLIVEIRA, Adelson Dias de (Org.). **Narrar e documentar**: experiências de professores no ensino médio em território rural. Curitiba: CRV, 2019. p. 97-101.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LARROSA, Jorge. Dar a leer... quizás. In: **Entre las lenguas**: lenguaje y educación después de Babel. Barcelona: Laertes, 2003. p. 21-76.

RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenéutica II. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução de A. Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

RODRIGUES, Arlley Pereira. Reflexões sobre uma experiência docente significativa. In: OLIVEIRA, Adelson Dias de (Org.). **Narrar e documentar**: experiências de professores no ensino médio em território rural. Curitiba: CRV, 2019. pp. 81-84.

ROJAS, Romeson. Da trilha ao oceano. In: OLIVEIRA, Adelson Dias de (Org.). **Narrar e documentar**: experiências de professores no ensino médio em território rural. Curitiba: CRV, 2019. p. 129-130.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.6 3, p. 237-280, out. 2002.

SOUZA, Clara Maria Miranda de. A introdução da filosofia existencialista na experiência na educação do campo: significações, construções e retomadas. In: OLIVEIRA, Adelson Dias de (Org.). **Narrar e documentar**: experiências de professores no ensino médio em território rural. Curitiba: CRV, 2019. p. 85-90.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SUÁREZ, Daniel Hugo. et al. **La documentación narrativa de experiencia pedagógica**: una estrategia para la formación docente. Buenos Aires: Ministério de la Educación, Ciencia e Tecnología; AICD, 2005.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. In: ALLIAUD, Andrea; SUÁREZ, Daniel Hugo.. (Orgs.). **El saber de la experiencia**: narrativa, investigación y formación docente. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2011. p. 93-138.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Leer relatos de docentes. In: OLIVEIRA, Adelson Dias de (Org.). **Narrar e documentar**: experiências de professores no ensino médio em território rural. Curitiba: CRV, 2019. p.13-22.

